

## **COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE: UMA LEITURA COMPARATIVA SOB A ÓTICA DO CONFLITO ENTRE GERAÇÕES NO ROMANCE DE LAURA ESQUIVEL E FILME HOMÔNICO DE ALFONSO ARAU**

Manuelle Tomaz Oliveira - UEPB

Orientador: Dra. Maria Suely Costa -UEPB

### **RESUMO:**

*O presente artigo traz uma análise comparativa do romance "Como água para chocolate" de Laura Esquivel e do filme de mesmo título dirigido por Alfonso Arau, observando diálogos entre essas duas fontes de linguagem. Tem como objetivo verificar o conflito vivido pela personagem Tita, uma jovem que se apaixona por Pedro, porém não pode vivenciar este amor devido à tradição e à rígida educação imposta por sua mãe, uma senhora autoritária para com sua filha. A relação entre mãe e filha nesta perspectiva é marcada pelo poder de uma e pela obediência da outra, até que, em determinado momento, ocorre a mudança de comportamento da jovem que passa a ignorar as ordens daquela que, mesmo após a morte, tende a se impor.*

**PALAVRAS-CHAVE:** amor, conflito, mãe, filha.

### **ABSTRACT:**

*This work analyzes a comparative study between the book 'Como água para chocolate' (Like water for chocolate) by Laura Esquivel and the movie with the same title, directed by Alfonso Arau, analyzing the dialog among this kinds of communication. Our purpose is vivificate Tita's suffering, a young woman who falls in love with Pedro, but they could not live this love story with him because of her family's tradition and the hard education imposed by her mother, an authoritarian lady. The relationship between mother and daughter, in this case, is determined by the power from the matriarch and the obedience from Tita. Until a moment that the young woman changes her behavior and ignores the mother's orders who even after dying tries to impose them to her daughter.*

**KEY-WORDS:** love, conflict, mother, daughter.

### **RESUMEN:**

*El presente artículo analiza un estudio comparativo del romance "Como agua para chocolate" de Laura Esquivel y la película con el mismo título, dirigido por Alfonso Arau, observando diálogos entre esas dúas fuentes de comunicación. El objetivo es verificar el conflicto vivido por Tita, una joven que queda-se enamorada por Pedro, pero no puede vivir esa pasión debido a la tradición y la rígida educación impuesta por su madre, una señora autoritaria para con su hija. La relación entre madre e hija en este caso es caracterizada pelo poder de una y pela sumisión de la otra, hasta el*

*momento que cambia el comportamiento de la joven que ignora las ordenes de su madre, que mismo después de su muerte, sigue imponiéndose.*

**PALAVRAS-CLAVE:** amor, conflicto, madre, hija

## **INTRODUÇÃO**

Uma das possibilidades da literatura comparada é a capacidade de estabelecer diálogos entre duas linguagens, no presente estudo observaremos este dialogo entre a narrativa literária e fílmica. Nesta perspectiva estabeleceremos aqui o conflito entre gerações presentes no livro 'Como água para chocolate' de Laura Esquivel e filme homônimo de Alfonso Arau.

O palco para a presente discussão é o interior do México nos primórdios do século XX e mescla entre tantos acontecimentos a Revolução Mexicana, trata-se de uma visão mais feminista desta guerra, pode ser considerada, pois, uma parábola desta revolta que derrubou o poderio militar – católico para instituir o governo socialista e tem como ponto principal do romance o amor proibido entre Pedro e Tita, esta por pertencer a uma rígida família não pode se casar pelo fato de ser a filha mais nova, e segundo a tradição deve ficar a disposição da mãe até o dia de sua morte.

O filme, baseado no livro, tem como Diretor Alfonso Arau e roteiro da própria Laura Esquivel. Lançado em 1993, foi bem aceito pela crítica por ser considerado "fiel" à obra escrita e por abordar a condição da mulher mexicana da época.

### **Literatura e cinema**

A relação entre literatura e cinema é uma discussão moderna, pois, segundo Charney (2000, p. 34) "o cinema tornou-se a forma de arte definidora da experiência temporal da modernidade", o homem do século XX, à princípio, acostumou-se com a fotografia e posteriormente sentiu a necessidade de vê-la em movimento, daí a importância do surgimento do cinema.

Ao realizar a passagem de uma linguagem para a outra (neste caso, o filme quando baseado na obra literária) ocorre entre elas o processo de tradução, processo este delicado e complexo de acordo com G. Betton, pois a obra literária pode ser incapaz de representar em palavras significados visuais, bem como "é impossível exprimir com palavras e gestos o que está expresso por linhas", a essência de um filme, pois, consiste na habilidade de movimento e mudança de tempo e no espaço, por isso torna-se mais breve que o romance. Vale salientar também que a diferença entre os dois não se reduz entre a linguagem e a imagem, mas aquilo que concerne a cada um deles, pois a adaptação cinematográfica não consiste em encontrar

equivalentes lingüísticos, pois como afirma Mirtry (2002) “o cinema e a literatura procuram criar mundos humanos”, procuram, pois representar a sociedade, na concepção de Adorno: “a obra de arte não estabelece uma identificação imediata, mas de mediação com a realidade social que a produziu. Assim entendido, ela se corporifica na sua forma interna, de uma autonomia relativa.” (ADORNO, 1998, p.35).

A narrativa literária possui relação mais íntima com o leitor, no caso do livro “Como água para chocolate” apresenta mais detalhes nos acontecimentos e possui como matéria – prima a linguagem que se faz através das receitas deliciosas da personagem principal, Tita. Linguagem esta inaugurada por Laura Esquivel que muitos denominam cozinha-ficção, sendo esta obra um verdadeiro livro de receitas e também um diário onde cada capítulo inicia-se com os ingredientes de uma receita e posteriormente o modo de preparo. Após iniciar os detalhes da receita, o narrador (em 3ª pessoa, a sobrinha neta de Tita) interrompe-se, passo a passo, para dar início a narrativa, a seguir, volta à receita e logo após dá continuidade à narrativa, mesclando ingredientes, acontecimentos, modo de preparo, alegrias e tristezas:

Maneira de fazer:

A cebola é picada bem fina, pondo-se para fritar junto com a carne e um pouco de azeite. Enquanto frita, acrescentar o cominho moído e uma colherada de açúcar.

Como de costume, Tita chorava enquanto picava a cebola (...) hoje à noite viria John para pedir sua mão e tinha que preparar-lhe um bom jantar simplesmente em meia hora. E Tita não gostava de cozinhar com pressa. (ESQUIVEL, 1993, p.119)

Já o longa-metragem possui a imagem como fonte principal. Imagem esta que dialoga com a linguagem sob o mesmo ponto de vista (cozinha-ficção) também inaugurada por Alfonso Arau, que de acordo com Mintz (2001, p. 32) “na maioria das produções cinematográficas a alimentação é deixada de lado nos enredos, ou quando é abordada, assume uma posição secundária”. Neste filme, Arau consegue estabelecer um elo bastante fiel com a narrativa de Esquivel, pois a comida passa a ser um fio condutor das ações, sendo o drama marcado por festejos nos quais sempre há um “acontecimento alimentar de mesas e sabores fartos” (CARDOSO e ANTONIO).

Tanto o filme quanto o livro são marcados por metáforas, nas quais os alimentos compreendem boa parte, é através deles que Tita expressa seus desejos e sentimentos, como também os transmitem aos demais. O frio, outra metáfora, está relacionado aos maus sentimentos: a frieza de mamãe Helena fez a jovem passar por todos os maus momentos, a exemplo do frio que Tita sente às vésperas do casamento de Pedro com sua irmã, e em todas as suas noites de solidão, sente frio também quando perde parte das suas faculdades mentais e, por último, sente frio quando Pedro morre. Já o calor, por sua vez, esta relacionado a todos os bons sentimentos: é

no calor do fogo que prepara suas deliciosas comidas, é com a explicação da combustão e, conseqüentemente, do "calor" do Dr. John Brown que pouco a pouco Tita vai se recuperando. E o mais importante é que com o calor de Pedro que se sente totalmente feliz. Outro elemento de destaque é a morte que, neste momento, não vai estar relacionada ao frio e sim ao calor, que por sua vez está relacionado ao amor, pois é de amor que eles, Pedro e Tita, morrem.

### **O arquétipo materno na tradição familiar:** supressão e perda

Tradição significa o ato de transmitir e/ou entregar. Este termo vem do latim 'tradio' do verbo trans-dare, que significa dar completamente, de um lado para o outro, e o prefixo trans, transmitir, tramitar, transferir. Traditio tinha para os latinos um duplo sentido que traduzido para as línguas modernas resulta em dois termos distintos: tradição e traição (RODRIGUES, 1997, p.4).

Segundo a tradição da família de Tita, cabe a mais jovem ficar solteira para cuidar de sua mãe até o término da vida, a partir daí, dá-se o início de toda a complicação da trama, conforme explica a própria mamãe Helena a Tita quando ela tenta ser contrária à tradição:

(...) sabes muito bem que por ser a mais jovem das mulheres te corresponde a cuidar de mim até o dia de minha morte (...). Nunca, por gerações e gerações, ninguém na minha família protestou ante este costume e não vai ser uma de minhas filhas que o fará. (ESQUIVEL, 1993, p.8)

Dessa forma, o diálogo entre as diferentes gerações (Mamãe Helena, na posição de mãe e Tita, enquanto filha) ocorre de forma negativa, marcada por lágrimas, repressão, angústia, dor, privação e frieza. Mamãe Helena educava as filhas com pulso firme, pois, assim como Tita, ela também teve um amor abafado por sua mãe que não queria que a mesma se envolvesse com um mulato, e assim o fato se repete. Para Oziemblo (1998) o tema central da literatura de autoria feminina em todo o mundo é a relação entre mãe e filha, o que a autora chama de "vínculo poderoso". Este é um tema recente, pois as figuras femininas exerciam papel secundário e/ou a relação acima citada era praticamente inexistente.

Estes romances, a princípio surgiram como denúncia das frustrações sofridas pelas filhas, mães, avós e assim, sucessivamente. As mães e filhas, neste caso, são inimigas, pois a mãe assume uma ideologia patriarcal, privando e oprimindo suas filhas, como fez Mamãe Helena, desqualificando e perdendo suas características femininas, assumindo um arquétipo materno negativo.

Para a psicologia, o arquétipo é uma possibilidade dada a priori que em contato com as experiências toma corpo e se manifesta através das imagens arquetípicas, trata-se, pois de modelos de seres criados. Para Jung (2000), o arquétipo materno se manifesta das mais diversas maneiras. Embora a figura materna seja universal (representa a mãezona protetora e carinhosa), sua imagem será matizada de acordo com as experiências individuais do sujeito com a mãe pessoal, de modo que o arquétipo materno tornar-se-á, neste estudo, um complexo materno negativo.

Por complexo materno negativo (conforme Jung) entendemos todos os efeitos psicoenergéticos do arquétipo materno e da imagem materna. Nas duas fontes de linguagem analisadas percebemos a presença da matrofobia, que consiste na rejeição das filhas pelo modelo matriarcal no sentido de sua formação identitária, observa-se também, o desenvolvimento espontâneo da inteligência, com o intuito de criar uma esfera onde a mãe não exista. Ao combater a mãe, Tita, atinge uma consciência mais elevada, arriscando-se a lesar o mundo instintivo, ambíguo, inconsciente de seu próprio ser, segundo a perspectiva junguiana.

Devido a tantas privações e sofrimentos praticados por Mamãe Helena, Tita decide isolar-se, neste isolamento que pode ser considerado como ápice de toda repressão e angústia, a jovem fica desvairada, Laraia (2001) afirma que muitas doenças psicossomáticas estão fortemente influenciadas pelos padrões da cultura, estas doenças são recorrentes de distúrbios emocionais, no caso de Tita a mesma passou por vários momentos de supressão e perda.

A cultura (enquanto prática e ação social) ao mesmo passo que é capaz de provocar doenças também tem a capacidade de provocar suas curas, sejam as enfermidades reais ou imaginárias, o restabelecimento ocorre quando existe fé do doente no poder dos agentes culturais, sendo importante que o enfermo seja tomado de uma sensação de alívio, e em muitos casos, a cura se efetiva (Laraira, 2001), observamos que nas duas formas de linguagem aqui analisadas, o tratamento foi feito pelo Dr. John Brown, que preferiu levar Tita para sua casa ao invés de levá-la a uma clínica para tratamento mental. A atenção, o cuidado e diálogo do Dr. foram suficientes para a melhora de Tita, podemos adicionar ao seu restabelecimento também o alívio ao saber que não retornaria mais ao convívio daquela que somente a fez sofrer.

Porém, o tormento não cessa aí, após a morte da matriarca, a mesma continua a incomodar a jovem em forma de fantasma, até um determinado momento em que Tita decide não ser mais submissa, assume sua própria identidade e cria em si uma trajetória de descobertas e autoconhecimento.

## **Considerações finais**

Nesta perspectiva, da obra de arte como reflexo da sociedade e com a relação à realidade empírica sobre a qual se torna reflexão crítica, consideramos que o filme quando baseado no livro não é apenas um suporte, trata-se uma nova linguagem, infinitamente diferente da linguagem verbal e de significados múltiplos e que estão em diálogos permanentes. A literatura enquanto instrumento de desmistificação da realidade, nos apresenta um fato bastante costumeiro, mãe versus filha e que o desenvolvimento e a construção da identidade de uma está totalmente relacionados à contribuição da outra.

O conflito entre mãe e filha desencadeou uma série de fatores que influenciaram totalmente as vidas das personagens aqui citadas, devido à forte tradição Mamãe Helena não pode casar-se com o homem cujo qual amava, e por consequência, esse sentimento de coibição refletiu em si uma mulher amargurada de tal forma que reverberou sua angústia na criação de suas filhas. Tita experimentou a mesma dor sofrida por sua mãe, porém, apesar de a mesma ter se retraído do seu amor devido a tantas imposições, há um determinado momento em que a heroína, ao contrário de Mamãe Helena, decide desprender-se de toda uma tradição e construir sua própria identidade, dando adeus a todos os encargos gerados pela tradição de sua família.

Apesar de a obra fílmica ser mais compacta se comparada ao livro (em consequência deste apresentar mais detalhes) observamos que adaptação cinematográfica consagrou a obra escrita, pois estabeleceu diálogos entre diversos pontos, não apenas no tocante à relação entre mãe e filha, mas também à toda a linguagem sensual presente na obra.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTONIO, Hugo Alexandre Calixto e CARDOSO, Sérgio Roberto. Comida, Sabor e Ação! A alimentação no cinema como linguagem e identidade cultural. Disponível em <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao03/COMIDA.pdf>> Acesso em 15/05/2009.

ADORNO, T. W. Prismas: Crítica cultural e sociedade. Trad. Augustin Wernet e Jorge Matos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BETTON, Gerard. Estética do cinema. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CHARNEY, Y. L. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade.

- COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE. Direção: Alfonso Arau, Roteiro: Laura Esquivel. Interpretes: Lumi Cavazos, Claudette Maillé e outros. México, 1993, DVD 104 min.
- ESQUIVEL, Laura. Como água para chocolate. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1993.
- JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo [tradução Maria Luiza Apy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva] Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 201.
- MINTZ, S. Comida e antropologia, uma breve revisão. In Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 16 N. 47. 2001.
- MITRY, Jean. In ANDREW, James Dudley. As principais teorias do cinema. Tradução de Tereza Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.
- OZIEMBLO, Barbara (Ed). El vinculo poderoso: Madres e hijas em la literatura norteamericana. Granada: Universidade de Granada, 1998.
- RODRIGUES. Adriano Duarte. Tradição e modernidade (1997). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em 18/06/2009.